

# Educação: Elemento Primordial no Desenvolvimento Humano

Mônica Dias Palitot<sup>1</sup>

## RESUMO

Um dos principais objetivos da educação é a promoção de mudanças desejáveis e relativamente permanentes nos indivíduos, e que estas possam propiciar o desenvolvimento integral do homem e da sociedade como um todo. Assim sendo a educação deve atingir todas as pessoas, em todos os níveis, visando, sobretudo, o desenvolvimento bio-psico-social do sujeito além da observação das dimensões econômicas e o fortalecimento de uma visão mais participativa, crítica e reflexiva dos grupos nas decisões dos assuntos que lhes dizem respeito. A educação é tida também como meio de ascensão social, de erradicar a pobreza e minimizar a violência concede à escola um papel fundamental que é valorizado no âmbito nacional e internacional. Este artigo visa fornecer ao leitor uma reflexão a respeito da educação e a sua importância sob o prisma

<sup>1</sup> Psicóloga Hospitalar pela Universidade Federal da Paraíba e mestre em Educação pela mesma Instituição. Profª da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança - FACENE.

do social e do cultural, chamando atenção para o fato de que qualquer que seja o ângulo pelo qual observemos a educação ela nos apresentará características fundamentais para o desenvolvimento do ser humano como um todo, reafirmando seu papel nas transformações pelas quais vêm passando as sociedades contemporâneas e assumindo um compromisso cada vez maior com a formação para a cidadania.

**Palavras-Chave:** Educação. Social. Cultura.

A educação tem, a princípio, como finalidade, promover mudanças desejáveis e relativamente permanentes nos indivíduos, vindo, assim, a favorecer o desenvolvimento integral do homem e da sociedade. Portanto, faz-se mister que a educação atinja a vida das pessoas e da coletividade em todos os âmbitos, visando à expansão dos horizontes pessoais, o desenvolvimento bio-psico-social do sujeito, além da observação das dimensões econômicas e o fortalecimento de uma visão mais participativa, crítica e reflexiva dos grupos nas decisões dos assuntos que lhes dizem respeito.

A busca em compreender como as questões sociais, culturais e econômicas se encontram diretamente relacionadas com o fracasso ou com o sucesso escolar não teria se transformado em objeto de inúmeras pesquisas sociológicas e em argumentos primordiais no debate político, se o nível educacional alcançado pelos sujeitos não fosse um dos principais determinantes do status social. (FORQUIN, 1995).

A concepção de educação como meio de ascensão social, de erradicar a pobreza e minimizar a violência concede à escola um papel primordial que é valorizado no âmbito nacional e internacional. No entanto, dados do INEP/MEC dão amostras de que, no Brasil, a realidade não é condizente com o discurso oficial e com as afirmações advindas das famílias de todas as classes sociais com relação à importância da educação na formação do indivíduo.

De 1998 para 1999 houve uma taxa de evasão, o índice total de retenção nas escolas públicas e particulares foi de 21,3% e a retenção apresentou uma taxa altíssima de 40,1% na 1ª série; além dos

milhões de jovens que são analfabetos e dos analfabetos funcionais cujo número se desconhece. Pode-se observar também uma função seletiva na escola que favorece o surgimento de uma hierarquia entre os indivíduos, refletindo a estrutura social, fato este que já era tido como evidente pela tradição sociológica funcionalista.

Durkheim (*apud* FAUCONNET) define educação como o desenvolvimento do indivíduo nas atitudes e capacidades que lhes são exigidas "não só pela sociedade em conjunto, mas também pelo meio especial a que em particular está determinado". Outra definição dele conceitua educação como:

*A ação exercida pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política e no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança particularmente se destine (DURKHEIM, 1978, p. 41).*

Parsons (*apud* FORQUIN) afirma que a educação escolar desempenha um papel de "sociabilização", contribuindo para a interiorização pelo indivíduo dos valores da sociedade e, simultaneamente, de diferenciação seletiva. Mas, nas décadas de 50 e 60, a teoria funcionalista cede lugar a novas abordagens que são aparentemente justificadas por determinadas características do desenvolvimento industrial e social.

O crescimento econômico e tecnológico passa a dar cada vez mais ênfase à necessidade de mão de obra qualificada, e a rele-vância das desigualdades sociais frente à educação se torna insuportável do ponto de vista da produtividade, pois pressupõe desperdício de "preciosos recursos humanos". Estas desigualdades tendem a ser consideradas, entretanto, mais como fenômenos residuais – que serão reduzidas progressivamente pela dinâmica do desenvolvimento social, do que como fenômenos funcionais (necessários ao bom funcionamento da sociedade) ou estruturais.

No final da década de 60, a teoria das desigualdades

educacionais tornou-se ainda mais dominante, observando que a escola não seleciona os mais capacitados ou produtivos, mas os que estão mais de acordo com as representações e expectativas de um grupo em particular, já que este dispõe do poder de controle sobre o sistema de ensino e exerce este poder para conquistar, preservar ou reproduzir seus privilégios e poderes. Embasando esta questão, temos importantes nomes como: Collins, Bowles, Gintis, Bourdieu e Passeron.

Segundo Collins, a educação transmite algo diferenciado dos conhecimentos objetivos, desenvolvendo realidades diferentes das capacidades operatórias culturalmente neutras. Para ele a educação impõe uma cultura particular, ou seja, a cultura de que o grupo dispõe.

Bowles e Gintis também valorizaram a dimensão cultural e ideológica da educação e da seleção escolar enquanto base e transmissor estrutural da reprodução social. É na escola, segundo eles, que os indivíduos aprendem a pontualidade, o respeito pela autoridade (extra familiar), a responsabilidade em relação ao cumprimento de tarefas, a questão da recompensa, sendo ela também responsável pela preparação de alguns alunos para exercerem responsabilidades no sistema de produção, e outros para obedecer e executar tarefas. Assim para diferentes classes e grupos sociais, diferentes conhecimentos (no que se refere à quantidade e qualidade), habilidades diferentes (para o comando ou para a obediência), tornando legítima a cultura dominante e preparando de modo diferenciado para o trabalho de acordo com a classe social, com a raça e também com o gênero.

*E tal situação há de continuar enquanto o poder de controle sobre os conteúdos, estruturas e financiamento da educação depender daqueles que dispõe também do poder econômico e político no seio da sociedade capitalista – eis a razão porque toda democratização da educação é sem dúvida ilusória (BOWLES e GILIS, 1976 apud FORQUIN, p. 62)*

Bourdieu e Passeron, por sua vez, atribuem às desigualdades do

sucesso escolar às desigualdades culturais entre os grupos, e que as desigualdades de motivação em relação aos estudos estão relacionadas a profundas diferenças de atitude. A distribuição desigual do "capital cultural" e a disparidade de "ethos de classe", como eles denominam, parecem ser suficientes para explicar as desigualdades diante da seleção. Desta forma, tudo o que faz a seleção escolar é refletir e transmitir (para reproduzi-las) às desigualdades sociais.

O conceito de cultura, nos dias atuais, está relacionado com o plano do simbólico, do imaginário ou das criações que propiciam a comunicação humana nas diversas formas de linguagens: do corpo, da fala, dos gestos, da escrita etc. No entanto, a cultura é principalmente prática, posto que se manifesta nos mais variados planos da atividade humana ou do concreto, do sensível e do imediato. Bourdieu, através de inúmeras pesquisas procurou demonstrar como as culturas das classes dominadas são marcadas pela lógica da comunicação, já que por estar escrita há milênios na objetividade das estruturas sociais e na subjetividade das estruturas mentais, impõe-se como universal, natural e evidente (ZALUAR e LEAL, 1996).

No Brasil, o debate sobre as relações entre cultura popular e escola pública surge no período populista das décadas de 50 e 60, a partir do método Paulo Freire e de outros Movimentos de Educação Popular, aparecendo o que se denominou Educação Popular, cujo propósito era valorizar sobretudo a cultura popular e que estaria, inicialmente, destinada ao povo, aos oprimidos; referindo-se nesta perspectiva à valorização desta cultura como meio de lutar contra a discriminação dos seus produtores e reforçar os grupos sociais que têm sua participação restrita na sociedade pela classe dominante, ou elite, cuja cultura seria, teoricamente, a erudita.

Contudo, a sociologia contemporânea vê a separação entre cultura popular e erudita mais como efeito dos projetos políticos dos intelectuais de alguns países do que como uma realidade vivida pelas classes sociais subalternas, pois o que foi denominado como "popular" era por vezes consequência do contato com a cultura letrada de épocas passadas (DAVIS, 1990). Assim como ocorre com o aspecto cultural, a sociologia vem ao longo dos anos abordando

questões referentes à educação que nos demonstram a necessidade de compreendermos cada vez mais a importância da escola na formação do indivíduo, orientando-nos de modo a evitarmos repetirmos na escola os aspectos negativos da sociedade.

Mas infelizmente, o que observamos da realidade educacional, social e cultural do nosso Brasil, é que este não favorece o desenvolvimento do verdadeiro potencial do nosso povo, pois este vive, ou melhor, sobrevive, à mercê das vontades dos poderosos. As escolas públicas, que abrigam os alunos oriundos das camadas populares, são vítimas de programas governamentais que nunca priorizam suas necessidades e nem oferecem condições reais para o melhoramento e avanço da educação brasileira, posto que não há como progredir sob o domínio de um Estado cujas medidas se mostram contrárias aos interesses populares devido ao seu comprometimento com a classe dominante.

A educação tem também de enfrentar outros tipos de obstáculos que impedem o seu progresso, tais como a necessidade da criança trabalhar para complementar a renda familiar, a violência urbana que afasta os pobres da escola, além das greves dos professores, que embora justas, prejudicam o bom andamento escolar.

Hoje, como no passado, nos defrontamos com uma educação muito aquém da ideal, e que carrega em seu bojo questões, que foram largamente estudadas pela sociologia como as condições de discriminação, seleção e exclusão e sucesso.

Faz-se necessário que esteja sempre presente na escola um trabalho voltado para a conscientização e reflexão do sujeito – mundo, além da valorização do saber trazido pelo aluno, oferecendo através deste processo de aprendizagem condições ao aluno de expressar seus sentimentos, seus pensamentos, compará-los, compreendê-los e superá-los. A valorização da cultura popular inserida no contexto da educação objetiva principalmente combater a discriminação de seus produtores e reforçar os segmentos sociais que têm sua participação diminuída pela classe dominante que insiste em monopolizar a cultura, aceitando apenas o que é formal e erudito como certo.

A família neste contexto tem papel fundamental, tendo em

vista, como disse Bourdieu, que ela transmitirá aos seus filhos de forma mais indireta que direta, certo capital cultural, um certo "ethos", ou seja, valores implícitos que irão contribuir na definição das atitudes frente ao capital e à instituição escolar. Diz ele: "A herança cultural que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente pelas taxas de êxito" (BOURDIEU, 1999 p. 42).

Se formos analisar o capital cultural que as famílias das camadas populares, que não têm acesso aos meios culturais disponíveis como cinema, livro, teatro, entre outros - por estarem aquém das suas condições econômicas - observaremos que este capital será justamente o da cultura popular, que não pode e nem deve ser rotulada de ineficaz, inútil ou isenta de significados, mas sim ser trabalhada de modo a permitir que as camadas populares que dela fazem uso, possam superar o estigma de pobreza cultural.

Bem como a cultura, a educação sofre influências cada vez maiores do fator socioeconômico e do político, e é devido a esta conjuntura participativa que cresce o papel da educação em relação ao desenvolvimento como compromisso social. O desenvolvimento e a educação não podem ser vistos como idéias separadas, mas como uma única idéia que se desdobra em uma cadeia de ações que se complementam. "De fato, se o homem deve ser o sujeito de sua educação igualmente deve ser o agente e o beneficiário do desenvolvimento" (CARNEIRO, 1985, p. 42). Assim o ensino deixa de ser exclusivamente da escola e o desenvolvimento se torna o maior meio de educação como prática social.

Partindo-se de uma retrospectiva histórica dos países em desenvolvimento percebemos que, à medida que se tem uma população educada se tem reduzido mais rapidamente as desigualdades sociais, e conseqüentemente diminuído as tensões oriundas da estratificação social. A função social da educação está calcada no fato de que ela, interagindo com outros fatores já citados, pode contribuir para a diminuição de varias formas de pobreza e para o crescimento do processo participativo. Essa interação da escola é

primordial, posto que sozinha ela pouco poderá fazer, sendo somente viabilizada sua dimensão social quando inserida no contexto das políticas sociais.

Por fim, qualquer que seja o ângulo pelo qual observemos a educação, ela nos apresentará características fundamentais para o desenvolvimento do ser humano como um todo, reafirmando seu papel nas transformações pelas quais vêm passando as sociedades contemporâneas e assumindo um compromisso cada vez maior com a formação para a cidadania.

Torna-se imprescindível, portanto, que façamos sempre uma conexão entre educação e desenvolvimento, pensando sempre no desenvolvimento que educa e em uma educação que desenvolve, a fim de termos uma sociedade mais democrática e justa. Pois uma educação que carrega em seu bojo a utopia de construir esta sociedade enquanto forma de vida e sistema social, tem como temas constitutivos o poder e o desenvolvimento integral do ser humano.

## **ABSTRACT**

One of the principal objectives of the education is the promotion of changes desirable and relatively permanent in the individuals, and that these can propitiate the man's integral development and of the society as a completely. Being the education should reach like this all the people, in all the levels, seeking, above all, the subject's bio-psycho-social development besides the observation of the economical dimensions and the invigoration of a vision more participative, critic and reflexive of the groups in the decisions of the subjects that tell them respect. The education is also had as middle of social ascension, of to eradicate the poverty and to minimize the violence



it grants to the school a fundamental paper that is valued in the national and international ambit. This article seeks to supply the reader a reflection regarding the education and your importance under the prism of the social and of the cultural, getting attention for the fact that any that is the angle for which we observe the education she will present us fundamental characteristics for the human being development as a whole, reaffirming your role in the transformations for the which are passing the contemporary societies and assuming a commitment every time larger with the formation for the citizenship.

WORD-KEY: Education. Social. Culture.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. In: NOGUEIRA, M. A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CARNEIRO, M. A. **Mudar o cotidiano**. Rio de Janeiro: Presença, 1985.
- CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- DAVIS, N. Z. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna: oito ensaios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- ESTEBAN, M. T. Repensando o fracasso escolar. **Cadernos CEDES**, n. 28, 1997.
- FAUCONNET, P. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- FORQUIN, J. C. (Org.). **Sociologia da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MONROE, P. **Historia da educação**. São Paulo: Atualidades Pedagógicas, 1974.
- RODRIGUES, M. **Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.
- ZALUAR, A e LEAL, M. C. **Cultura, educação popular e escola pública**. Rio de Janeiro, 1996.

